

PONTO DE FUGA



Alexandre Biciati

Itabirano, tem 38 anos e há 20 reside na capital mineira. Formado em propaganda e gestão cultural, começou a fotografar cobrindo shows internacionais para revista especializada em 2010. Há três anos faz da fotografia de rua uma prática de imersão diária que deu origem ao projeto *Carne urbana*. A proposta do trabalho é despertar a atenção para a poesia da vida cotidiana e estabelecer um diálogo crítico sobre a condição das pessoas em situação de rua. A exposição *Carne urbana*, da qual o *Pensar* publica algumas imagens, pode ser vista até dia 31 de agosto na Galeria Ateneo (Av. Álvares Cabral, 1.030, Sala 505, Lourdes).



RESENHA

POR QUE CALAR NOSSOS AMORES? POESIA HOMOEROTICA LATINA

Organizadores: Raimundo Carvalho, Guilherme Gontijo Flores, Márcio Meirelles Gouvêa Júnior, João Ângelo Oliva Neto

Autêntica
288 páginas
R\$ 64,90



“Cada poema que compõe a belíssima edição bilingue é acompanhado pelo seu equivalente em latim e pelos comentários esclarecedores de cada tradutor”

TADEU SARMENTO*

A certa altura do sétimo capítulo do romance *Maurice*, de E.M. Forster, há uma passagem em que, durante a tradução oral de um texto grego antigo, o protagonista homônimo ao título (um estudante de Cambridge em uma Inglaterra recém-saída da Era Vitoriana) escuta a seguinte advertência do seu professor: “Omita (o trecho em questão): faz referência ao indizível vício grego”.

Considerando o fato de que esse “vício” a que se refere a personagem faça alusão à representação literária de afetos homossexuais na Antiguidade e, tendo em vista que o romance foi escrito 18 anos após a condenação de Oscar Wilde por sodomia (mas só publicado mais de 50 anos depois), é possível intuir, a partir disso, o completo truncamento de informações com que os costumes sexuais dos antigos gregos e romanos têm sido objeto de debates nos círculos sociais contemporâneos.

A antologia *Por que calar nossos amores? Poesia homoerótica latina* vem preencher essa lacuna de incompreensão, alinhando a erudição dos estudos filológicos

(por definição, atentos às relações entre o contexto histórico e os diversos matizes dos textos) com a acessibilidade necessária para alcançar leitores que se encontram fora da especialização universitária.

Os tradutores (muitos deles também poetas, como Raimundo Carvalho e Guilherme Gontijo Flores) se mantiveram alertas à beleza e sonoridade dos poemas, criando as possibilidades formais para que a poesia homoerótica latina soasse bem nos dias de hoje. O fato de as traduções serem obras de poetas é garantia de que uma das preocupações do livro é assegurar que esses poemas, que contam milhares de anos de distância de nós, cheguem-nos como produtos estéticos dignos de ser consumidos por nosso paladar moderno.

Mas a obra vai além da preocupação artística, e atravessa, em ordem cronológica, diversas gerações de poetas. Cada poema que compõe a belíssima edição bilingue é acompanhado pelo seu equivalente em latim e pelos comentários esclarecedores de cada tradutor. Os temas variam, indo desde “o desenvolvimento do desejo amoroso entre os homens” (Tito Lucrecio Caro) até a história de um amor não correspondido entre um pastor e o

jovem escravo de seu amigo (Virgílio), passando pelos epigramas erótico-incendiários de Pórcio Licino. Desse modo, poetas mais conhecidos, como Catulo, Horácio, Ovídio e o já citado Virgílio, ombreiam espaço com autores menos conhecidos, com nomes estrambólicos de gladiadores, como Sexto Propércio.

E para além da qualidade literária e histórica da antologia, dois aspectos gerais reforçam a importância do lançamento. O primeiro é sustentado por Raimundo Carvalho, em sua orelha ao livro: a constatação de que os poemas coligidos tratam unicamente do erotismo, sem o recorte específico “homo” ou “hétero”, uma vez que, tanto para o romano antigo quanto para seu modelo literário grego, essa divisão era tanto epistemologicamente sem sentido quanto de efeito ineficaz sobre a estrutura social romana da época.

O segundo é explicado na apresentação do livro por Guilherme Gontijo Flores: a ressalva de que as chaves de análise da seleção (incluindo aí a divisão supracitada) servem apenas para situar os poemas para seus leitores atuais, uma vez que a ideia de “homossexual como indivíduo que se identifica subjetivamente de acordo com a vida afetiva não aparece nos textos anti-

gos”. Em outras palavras, o que definia socialmente o cidadão de Roma não eram suas preferências sexuais, mas o fato de ser ou não um homem livre.

O livro celebra ainda o encontro de duas civilizações, a grega e a romana, uma vez que o parâmetro literário dos poetas romanos elencados se encontrava na Grécia; e, nas entrelinhas, comemora o ato da leitura como único capaz de cumprir, historicamente, o conhecimento entre culturas distintas e seu correlato papel humanista e civilizatório.

Em um tempo cada vez mais sombrio, no qual a onda conservadora projeta uma grotesca sombra sobre direitos (já conquistados e ainda por conquistar) de grupos opostos à construção heteronormativa, a edição de *Por que calar nossos amores? Poesia homoerótica latina* é mais que importante. É necessária.



* Tadeu Sarmento é escritor, autor de *E se Deus for um de nós* (Confraria do Vento, 2016) e *Associação Robert Walser para Sósias Anônimos* (Confraria do Vento, 2015), entre outros.